

CONTEM PORANEIA

1.º SUPLEMENTO

Fundador, director e editor: José Pacheco

Propriedade: Edição Contemporânea
Composto e impresso na Imp. Libanio da Silva



Armando de Basto

Mário de Sá Carneiro

Afonso de Bragança

Amadeu de Sousa Cardoso

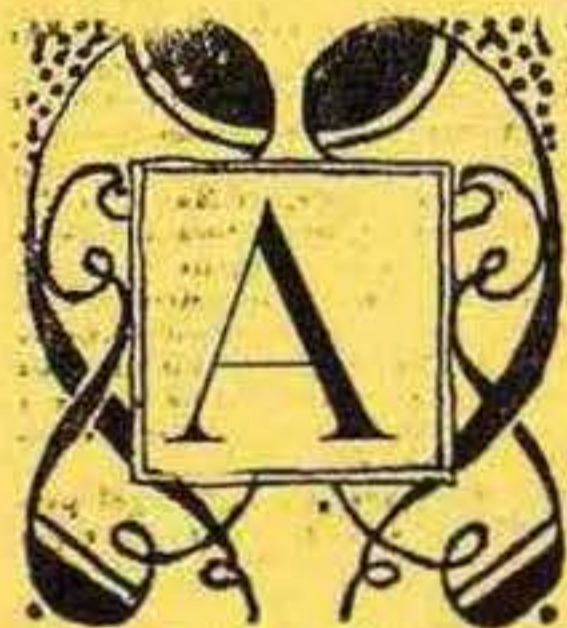
Manuel Jardim

Santa Rita Pintor

Ponce de Leão

Carlos Franco

Os Mortos da Geração Nova



A luta da geração nova contra o meio incompreensivo e hostil tem sido amarga e dolorosa. É uma luta assinalada já por mortes e suicídios — pelo drama violento da persistência heroica, que ainda aqui nos volta a reunir, e das subitas quedas dos que o destino ambienta matou.

Os mortos da geração nova foram assassinados pelo meio hostil, pelos triunfadores da literatura barata, pelas burocracias que de dentro das situações oficiais fecham a porta ao

Não acusámos o destino, porque da sua excessiva tortura surgirá a maior força da geração. Mas acusámos os que pessoalmente colaboraram na nossa dor e no assassinato dos nossos irmãos. Acusámos, sobre tudo, os que tinham o dever de auxiliar a eclosão do grande período de esplendor português, que é o nosso, o da nossa geração, e, ao contrario, a não se opuseram tenazmente. Acusámos os que se serviram das situações literárias adquiridas para lançarem sobre os novos do momento revolucionário do «Orfeu» a suspeita de desequilíbrio.

Acusámos os velhos, que por espírito de defesa bruta, vedaram todas as situações aos novos — e a alguns negaram o pão, levando-os á morte. Acusámos o ambiente social que não encuraja os valores; que, ao contrario, tenta escurraçar los, amesquilha-los — ou mata-los pela asfixia lenta.

Hoje que começamos a congregarmos e a tomar consciência do nosso valor, e do nosso dever, cumpre-nos lembrar com saudade e reconhecimento os mortos da geração nova — os nossos mortos.

Mário de Sá Carneiro

Mário de Sá Carneiro foi um dos mais altos criadores do momento revolucionário da geração nova. O seu espirito parece ter sido criado do propósito para o seu destino de renovador, de revolucionario, de adaptador extremamente sensível das mais modernas correntes literárias. A sua inteligência e sensibilidade imensas juntava uma cultura e um espirito de assimilação excepcionais. Poeta renovador de ritmos e sobre tudo de atitudes sensíveis ante a vida e as coisas, de uma sensibilidade ingénua e doce, quasi menineta; prosador que modificou a estrutura da prosa; grande e perfeito novelista, analisador de psicologias.

Levaram-no ao suicidio, mas não á falencia do seu sonho de renovação e beleza. Porque da sua vida ficou um belo livro de poemas e algumas das melhores novelas da literatura portuguesa.

É esta nobre alma de revolucionário, de renovador, de poeta criador, foi torturada e troçada, até que procurou na morte o sono, o sono completo e infundável, pelo suicidio.

Guilherme de Santa Rita

Espirito brilhante, espirito scintilante, puro espirito. A sua obra na geração nova foi realizada pela sua presença, pela sua forte acção pessoal. Não deixou uma obra material porque da época revolucionada, desagregada, toda teoria abstracta, que foi a sua — a época do «Orfeu» — ele foi um dos mais apaixonados combatentes. Accionou pelo espirito, pela graça e pela intelligencia — não teve tempo de fazer uma obra material. Ha épocas assim, de tal violencia na renovação espiritual que sacrificam alguns dos seus melhores valores. Mas nenhum novo deixará de lembrar a figura de Santa-Rita-Pintor, a sua intelligencia e a sua acção sobre a psicologia da geração nova.

«Não é um pintor é um pedaço da arte» disse-se dele.

Amadeu de Sousa Cardoso

Amadeu de Sousa Cardoso pertenceu ao grupo dos mais avançados teóricos da arte, pintores e poetas, do Paris. Ao grupo de Pissarro, de Guillaume Apollinaire. O seu Album é ainda hoje considerado em Paris como uma das obras funda-

mentais d'esse momento. A morte não o deixou aproveitar todas as suas grandes qualidades numa obra de novo equilibrio. Mas ficará como um dos mais activos demolidores e renovadores da nossa mentalidade artistica.

Manuel Jardim

Foi um pintor que, sobre tudo, marcou pela clareza da sua intelligencia pictural. Não tem talvez nos seus quadros a intuição criadora. O seu poder de crítico, de analisador intuitivo das tendências picturais, a maneira quasi analitica como pintava, fazem de Manuel Jardim um dos mais característicos pintores da nova geração.

Os seus quadros são belas analyses inteligentes, interpretações novas de atitudes picturais.

Afonso de Bragança

Afonso de Bragança é, dos sacrificados da geração nova, um dos que mais sacrificados foi. A sua vida e a sua morte são um lento drama de desencanto que ele suportou sorrindo e fazendo sarcasmos. A sua linha de graça e de perfeita elegancia mental nunca se quebrou. Afonso de Bragança veio acrescentar a sua acção á de Mário de Sá Carneiro na transformação da prosa portuguesa, á sua modernização.

Foi um curioso observador das coisas mínimas da vida, o que lhe dava uma attitud de aparente humorismo — um humorismo, intermeccido. Enriqueceu a prosa com imagens imprevistas, simples na sua verdade. Nem a vida, nem o tempo o deixaram criar um livro. Deixou apenas pedaços isolados de prosa, de uma grande novidade de expressão. Lembremos, tambem, que o artigo que apresentava a primeira serie da «Contemporânea» foi escrito por ele e definiu bem esse momento de transição entre o período revolucionário e o período criador de hoje.

Armando Basto

Pintor intuitivo, com todas as qualidades e defeitos de um instinto poderoso que domina o equilibrio da vida. Armando Basto tinha o instinto da materia pictural. Foi legendal, incerto, diverso, nos seus quadros, porque era a propria materia pictural que arrastava o seu instinto para aquele fentio. Não é um defeito para aqueles que começam a hesitação, a diversidade, a acção de influências estranhas. Armando Basto era um grande e intuitivo adaptador de qualidades picturais. Deixa como Manuel Jardim uma obra hesperica e que como a daquêle só em conjunto, depois de reunida, poderia ser analisada com verdade.

O destino perseguiu-o de todas as maneiras e levou-o á

PRESIDENTE DA REPUBLICA



A Constituição tem a maior parte em aquillo em São João e também Presidência da República, um intelectual, um artista e um espirito culto e moderno. Embora a sua obra literária não seja tão conhecida como a de outros, a sua obra de artista, de homem de arte, que se agrupam em torno de Filipe de Almeida, não tem outra literatura. Sua obra é a admiração dos seus que não repetem o mesmo gesto de livre e pura actividade mental e artistica que os eschibiticos, os factoides da geração nova. Lembremo-nos esta semelhança entre o seu e a minha obra, a minha a São João, a minha de todas as peças de aquillo e de aquillo.

morta, como a tantos outros, antes mesmo daquella idade em que a capacidade criadora é perfeita.

Angelo de Lima

Nos sacrificados da geração nova há os que foram assassinados pela fome, os que foram assassinados pelo desprêzo, e os que foram assassinados pela loucura. Angelo de Lima foi assassinado assim, pela depressão nervosa, pela dor mental, com que o levaram a um manicómio e aí arrastaram a sua agonia até ao socêgo da morte.

Já internado no hospital ainda publicou no «Orfeu» alguns poemas em que há algumas, raras mas fortes, notas de beleza. A sua tortura de lento enlouquecimento disse-a num soneto que é dos grandes sonetos da lingua portuguesa. A sua obra desapareceu ou dispersou-se inteiramente.

Ponce de Leão

Embora não pertencesse ás correntes modernistas, agitadas, revolucionárias, acompanhou sempre no combate os mais futuristas da geração nova. E acompanhou-os naturalmente, intuitivamente, porque no teatro português de então o seu espirito de dramaturgo era realmente revolucionário. Ponce de Leão foi um dos novos dominados pelo prestigio ibseniano e pela directa influencia dos «Espectros» que criou a peça de tese médica, de patologia, de fatalidade fisica dominando o individuo. Desta fase influenciada, mas sem mesquinhez, fase preparatoria de alguém que poderia vir a ser um grande dramaturgo, há ainda inéditas muitas peças além de uma publicada. Impedido de triunfar na vida pelo meio inimigo que se fechou ás suas representações, continúa a ser hostilizado na morte. Os seus originaes que poderiam marcar uma interessante fase de transição do teatro português, estão talvez perdidos.

Eduardo Metzener

É um lirico de intimo romantismo cuja alma se relevava capaz de colaborar na nova geração.

Marcou curiosamente o momento de excesso sentimental que dominou o nosso espirito literário.

Alguns dos livros de Eduardo Metzener poderão por isso, ficar como a melhor marcação d'esse momento.

Carlos Franco

Mário de Sá Carneiro foi de todos os mortos da geração nova o que mais marcou pela sua obra — Carlos Franco o que de todos áles mais marcou pela sua attitud consciente de sacrificio e de hêlo morrer. Espirito de uma intuição assombrosa. Espirito sempre insatisfeito. É a característica fundamental dos momentos de renovação intensificada, revolucionaria, é esta insatisfação que leva a destruir toda a obra e que leva perfim á morte. Carlos Franco atravessou um momento Paris, improvisou-se por genial intuição pintor scenógrafo e com tal capacidade, que colaborou com Hailly, o grande scenógrafo da Opera. Mas a insatisfação de criar não o deixava.

Vem a guerra e Carlos Franco, que era fundamente disciplinado e anti-militar, vai morrer na guerra como um heroi. Vai morrer por insatisfação, por heroísmo, por incapacidade de suportar a volta ao meio estúpido que o expulsara. Antes de morrer escreveu: — «sabes como sou anti-militar, mas prefiro morrer de uma bala alemã, a morrer de tédio na minha terra». Morreu, suicidando-se em espirito, com a mesma beleza. Na sua mochila de soldado foram encontrados o «Orfeu» e a «Confissão de Lúcio» de Mário de Sá Carneiro.

Júlio de Vilhena

Foi como Afonso de Bragança um jornalista atirado para a vida e nas suas dificuldades e dores construindo uma nova interpretação das coisas e um novo estilo.

Foi um dos que pela sua afirmação constante de modernismo e de independência mental ajudou a criar o ambiente em que triunfou a nova concepção da Arte.

António Lima Fragoso

Entre os varios modernistas aniquilados antes de realizada a sua obra definitiva e levados pela morte tambem figura o grande temperamento de músico de António Lima Fragoso.

Foi ele um dos primeiros portugueses a tentar a criação de uma música moderna, nova, liberta da opressão de escolas alheias cuja hegemonia emagava as nossas tendências musicais.

No movimento musical de amanhã o seu nome será certamente lembrado como mereço.

O TRIUNFO DOS NOVOS



Não aceitar a evolução inevitável que representamos é combater a única força invencível: — a força generosa da nossa idade.

Das gerações dominantes às gerações novas deve passar-se por uma sucessiva e graduada ligação, baseada no carinho fraternal e na aliança da experimentada sabedoria com a juvenil e generosa impulsividade. Tal combinação torna possível aos detentores das posições sociais assegurar-se, não só a comunicabilidade com os imediatamente vindouros, mas até e sobretudo, uma expressão real para a própria vida.

Em Portugal, porém, há uma oposição absoluta entre uns e outros; mais do que oposição, porque são diferentes, pensam, conduzem-se e pretendem modalidades independentes dentro dos mesmos campos.

As novas gerações têm que lutar contra os barbaros; os barbaros, no sentido próprio, que falam a nossos ouvidos palavras incompreensíveis de auto-civilização. Aqui, não há nem conflitos de raças, nem de processos, nem de princípios: há apenas um lamentável conflito de linguagens. E dado que nós, os novos, não podemos falar outra língua, tem de ser os outros quem há-de fazer o esforço de adaptação. O futuro pertence-nos e é a única justificação do presente.

Esta diferença constitucional leva os novos ao desinteresse por tudo que não seja deles; e os outros, primeiro, à indignação pelo inesperado e inverosímil, depois, ao ódio pela persistente posição de quem se lhes opoz.

Procuramos por nossas mãos lançar, senão as bases da ordem nova, pelo menos as bases de uma confraria compatível com a nossa vida espiritual e moral, que torne possível amanhã essa ordem por que nos batemos.

Vivamos longe de vaidades e integramente superiores às ambições comuns.

Tenhamos o culto da competência e sejamos intransigentes. Já é tempo de separar o trigo do joio. Acabamos com os espantinhos que a nossa piedade tem consentido, tolerando os momentos com que eles se justificam.

Confiamos no nosso destino, na missão que necessariamente tem de ser desempenhada por nós, na renovação da vida.

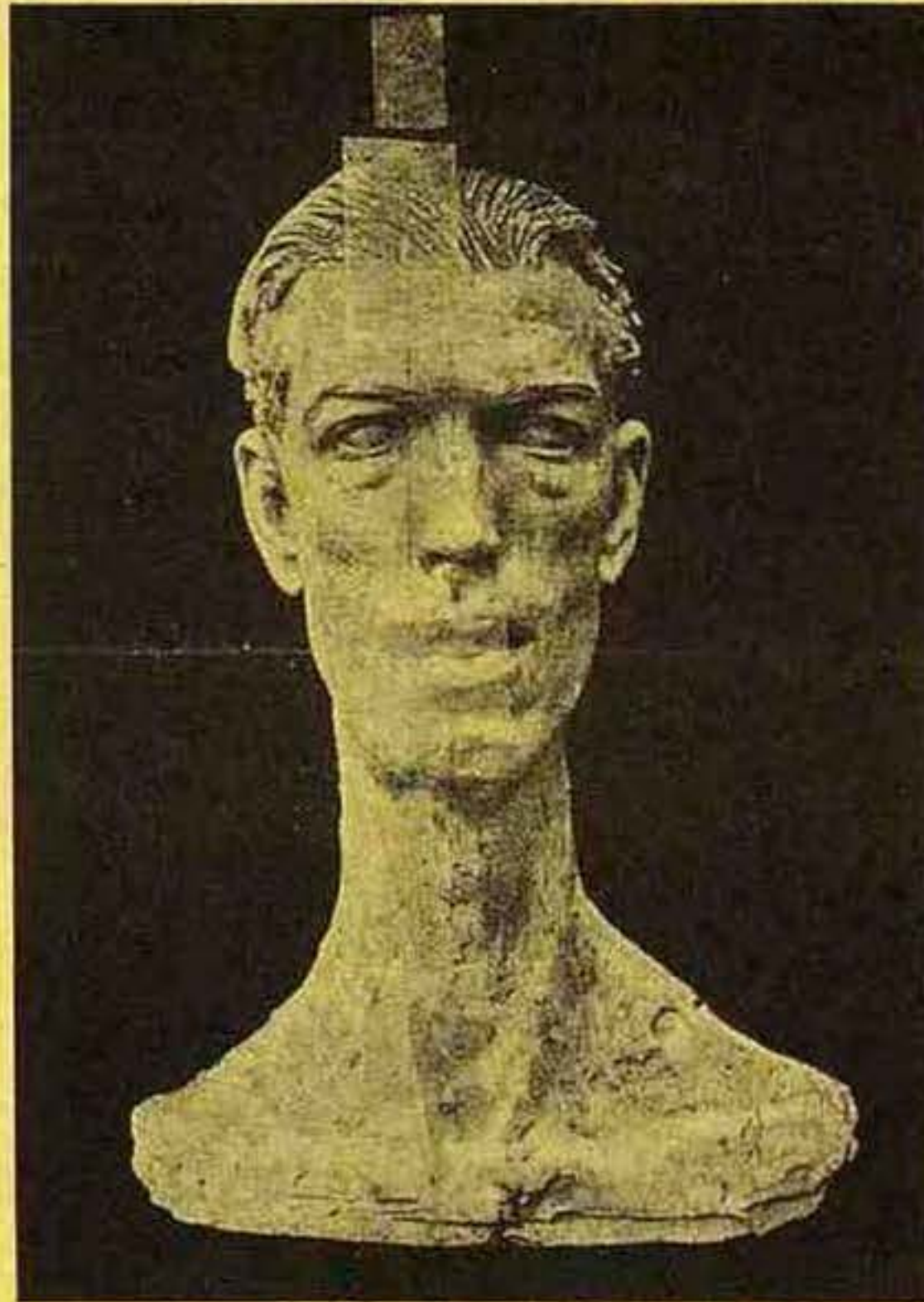
Sejamos singularmente pessoais nesta ânsia ilimitada de servir a colectividade que sonhamos e que, sem ser vista concretamente no tempo, a fé torna possível.

Mesmo que a razão portuguesa seja dentro da vida de alguns uma razão política, de ambiente, apenas o lugar-temporal da sua vida, tomemo-la como a única capaz de nos juntar.

Vivemos no borborinho dos desordenados. É fácil é aos outros, aos que nos detestam por sentir que o nosso triunfo, a nossa simples presença, é a ruína deles, fazer da nossa desorganização o pretexto do combate que nos movem.

O período essencialmente difícil, para nós, é este intermediário, em que jogamos a própria vida.

É preciso uma energia excepcional para vencer; é preciso



FRANCISCO FRANCO
Busto de Pedro Manoel Jordão

a heroicidade inglória dos pequenos triunfos, das vitórias íntimas e recolhidas, que o são apenas para nós, por constituírem sucessivas realizações dentro do caminho firmemente traçado. Após a duração das primeiras campanhas virá inevitavelmente o nosso domínio.

Os outros, os impacientes inimigos, não compreendem que a sua cognição não os compreendem que, quando se a aceitar a nossa hora se fecham irremediavelmente no passado, e não admitem nenhuma solução.

Para esses, que não conseguem descortinar a nossa razão, resta um argumento: o poder indomável que nos dá o tempo.

Nos homens, entre a velhice de uns e a mocidade de outros, há sempre uma ligação: — a vida. A renovação que representamos não é para eles sintoma de vida, mas grito de destruição. Está aí a sua maior incompetência.

Prossigamos no nosso caminho. Que cada um compreenda a enorme força que representa e não se esqueça da colaboração que deve. E, dentro em pouco, teremos demonstrado definitivamente como é nosso e bem nosso o nosso lugar.

CELESTINO SOARES

VIDA LITERARIA



Obra realizada

Antonio Ferro, que chegou há pouco de Paris, contou-me da ternura com que os escriptores doutras gerações falam da geração dos novos, de Cocteau, de Giraudoux (que segundo Paul Hazard, se quizesse poderia realizar uma obra definitiva e que afirma que: *Il y a chez lui un sens du caprice, de la grâce prismatique, de l'inattendu qui est tout à fait séduisant et, sous toute cette fantaisie, une sensibilité qui à toujours l'air de ne pas vouloir se montrer par une espèce de pudeur d'elle-même, mais qu'on sent au passage*), de Carco, de Pierre Hamp, de Thierry Sandre e de muitos outros que enchem neste instante as vitrines dos livrinhos de Paris. Entre uns e outros não há barreiras, orgulhos mudos a separa-los, a desuni-los. Uns chegam e outros partem, sem que estes pretendam ridicularizar os novos trabalhadores, que surgem de todos os lados, dos quatro pontos cardinaes da França.

Em Lisboa não, dá-se o fenomeno inverso. Para a geração passada, só os novos que iniciam a sua carreira mantendo processos velhos, têm valor.

Os outros, não — aqueles que têm ritmos novos dentro de si, que possuem horisontes diferentes, que sentem a vida de uma forma desigual e realizam a seu modo os sonhos varios das suas almas de artistas insatisfeitos e renovadores — esses, são os falhados, os futeis, os modernistas, os que nada valem — enfim — os doidos!

É assim que os criticos olham a obra dos novos, que não podendo ser ainda definitiva, é já alguma coisa, é muito, se nós estabelecemos o paralelo entre a obra da geração que parto e a da que começa. Em Portugal, ha mais. Os campos estão divididos. Cada um tem o seu grupo, a sua torre de marfim. Quem não pertence a esse grupo não tem o direito de caminhar na vida, negam-se-lhe todas as faculdades, é zero. Não é citado. Bloqueia-se, enriquece-se, troça-se, caricaturiza-se, alimpa-se. Não se respeita a sua obra. Espalha-se o boato que fallu, que não existe.

Ha novos, que foram levados ao suicidio, porque o am-

biente lhes segredou que o caminho era o da morte. Entre eles, recordo Mario de Sá-Carneiro, que foi meu companheiro no bacharelato e a quem Lisboa ordenou que procurasse Paris.

Desta campanha, iniciada no subseolo mental de Lisboa, resultou o completo divorcio entre as gerações literarias.

Chegaram-se a extremos fantasticos! Dum lado gritou-se: abaixo os velhos...

Do outro, porque a coragem faltou, gemeu-se: os novos não existem... São todos doidos!

Iniciou-se a guerra. E' bom acentuar este facto.

Houve um periodo de revolta; e, nesta afirmação, está oculta a razão da ausencia de obra de certos novos, que foram directamente castigados com a luta e que ao ardor da lucta se entregaram totalmente.

Procuro, agora, entre os varios livros que possuo, determinar posições e marcar valores. Assim é preciso, desde que de novo vamos entrar a cortar caminho. Que os lugares se acutuem e que cada um de nós saiba escolher a cadeira que lhe foi destinada. Na vida e na Arte, só aqueles que sabem onde está a sua cadeira, triunfam. A cadeira em que o homem se senta, define-o, diz não sei que escriptor francez, que neste momento esqueço, porque prefiro esta frase a toda a sua obra.

Um ensaio sobre a minha geração?

Não. Não é nesta cronica que o posso fazer. Simplesmente o resumo do ultimo ano literario, que fechei silenciosamente, sem que ninguém tivesse uma palavra de aplauso ou de incitamento.

Cito as senhoras, em primeiro lugar. Ha três que recorto, que isolo, que trago para aqui. Versada de Castro, que na *Cidade em Flor*, tem três ou quatro sonetos que são gravuras em madeira, traçadas com mão forte e sentidas por um optimo temperamento de artista. Versos, de Maria de Rezende, uma poetisa cheia de forma, tocada de uma hiper-sensibilidade muito rara. Virginia Victorino, que no *Apoteosamento* é, ainda, a poetisa, em oitava edição dos *Nomocados*, que o publico banalçou e que é um livro — um bom livro de versos. Ha mais que esqueci, muito mais, versos, versos a este e a quello, versos que passam por nós como certo vento de outono, agreste e cortante.

A produção feminina, recomenda-se em Portugal pelo excesso e por nos ter evidenciado, as três, que recorto e que são realmente, três poetisas de mérito.

Procuro, agora, abrir caminho na literatura dos novos. João de Castro e Antonio Ferro, guiam literariamente duas correntes diferentes. João de Castro, criador de simbolos, tem já dois livros que o estrangeiro muito bem compreendeu e que passaram despercebidos em Portugal. *A Horda* e o *Clamor* são duas tragedias bem fundas, vivendo bem no intimo da raça. O seu processo de trabalho é novo em Portugal. Lembra *Clouzel*, *Mutterlink* e *d'Annunzio*.

Profundamente originaes, denunciando o temperamento raro do auctor, estes dois livros de João de Castro, são o inicio duma obra, que realisa, e collocam junto dos grandes trabalhadores da tragédia, Antonio Ferro, que o publico conhece da premiere agitada do *Mar Alto*, é um criador de frases.

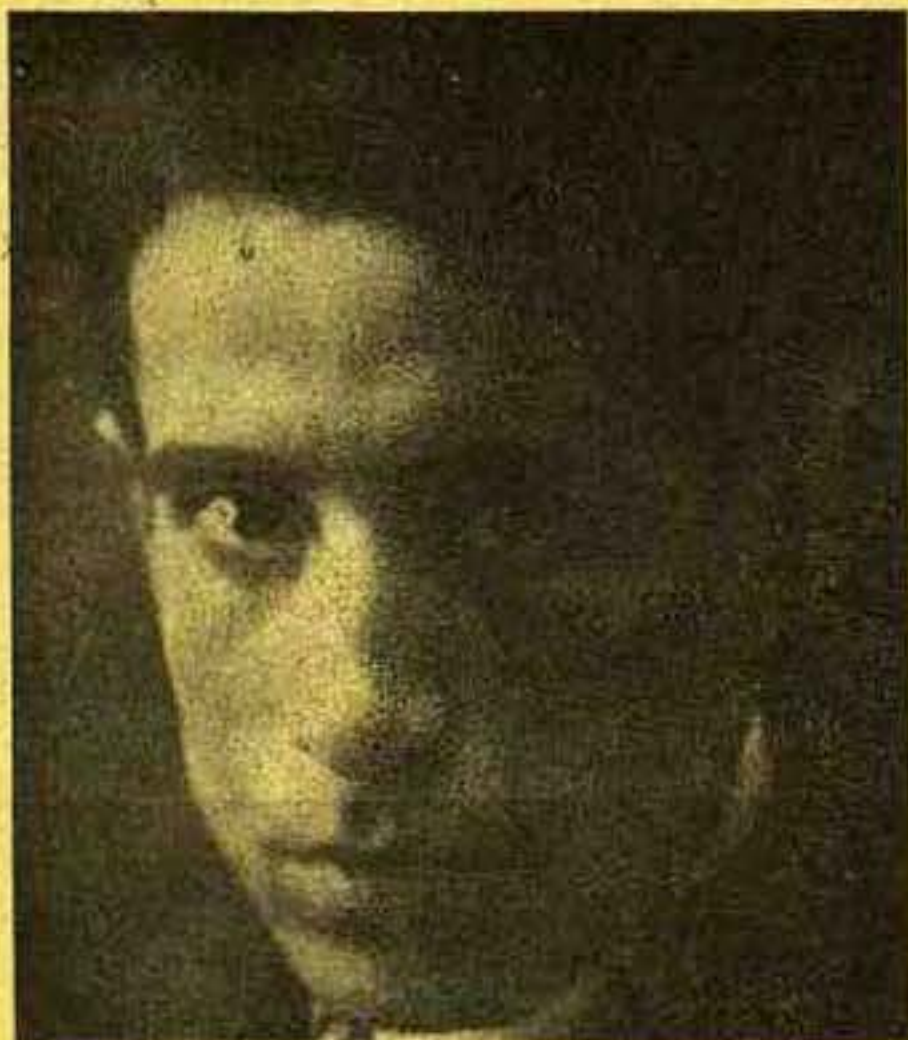
Longo de ser um escriptor futil, á maneira de Luiz d'Oliveira Guimarães, Antonio Ferro, á semelhança de Ramón Gómez de la Serna, é o filosofo das pequenas coisas, é o filosofo do instante. Tudo o interessa, tudo o prende — um sorriso que



ALMADA
Antevén



ALMADA
Paris



O pintor Carlos Paredes
Que na sua exposição de pinturas organizada pela 'Contemporânea' obteve um extraordinário êxito

CARTA ABERTA de Oswaldo Andra de a Antonio Ferro sobre a arte e a litteratura novas no BRAZIL

Meu amigo :

Depois de dar balanço ás idéas e expressões de Paris, quer você fazer-me a distincção de perguntar tambem qual-quer coisa sobre o desconhecido Brasil cheio de flores, Que Brasil?

O Brasil em Paris? Respondo-lhe já. Temos meia dúzia de artistas aqui, todos correspondendo ás classificações naturalmente feitas em sua *enquete*.

A pintora Tarsila do Amaral — vanguarda independente — ligando-se aos primeiros cubistas e ao inesquecível e immenso Amadeu de Souza Cardoso, que vocês tiveram. Nacionalista como elle. Será sempre discutida. Orientará a minoria.

O esculptor Victor Brecheret — admiravel de graves qualidades — força — cyclopismo. Tendencia Salon d'Automne — Será o artista official, cumulado de honras.

A pintora Annita Malfatti — a sensibilidade — a poesia fauce. Nossa Mario Laurencia. Possivel. Com outras cores.

O pintor Rego Monteiro — a deformação indigena — a pallidez decorativa. Fugita.

A pintora Angelina Agostini — fortes recursos technicos — obstinada contra os processos modernistas. Salon des Artistes Français.

Quem mais? Tres ou quatro idiotas pensionados pelo governo para borrar telas de azul e amarello e mastigar gesso em Montparnasse.

Alguns interpretes de real merito — Souza Lima, Magda Tagliaferro, Vera Janscopulos.

Essa gente toda — boa e má — amparada pela correção e pela bonhomia de Souza Dantas, nosso activo embaixador, cujo tino diplomatico nunca poz de lado preocupações intel lectuassas.

E o Brasil no Brasil? Vejo escuro. Effeitos dos *fogg* deste inverno. Palavra que custo a distinguir. Se vejo pouco, ouço, porém, muito. Ouço, por exemplo, a voz estridula, abelhuda, mexeriqueira do popular academico futurista Graça Aranha, que tem procurado desgraçar a Academia, essa respeitavel instituição propria que funciona até hoje, no Rio de Janeiro, com o mecanismo do parlamento de D. Pedro 2.º Graça Aranha não se cala, em quanto não fór esquarterado. Deve-se isso á sua incoacável mocidade de propagandista republicano. Fogoso, irrequieto, impaciente. Uma locomotiva em manobras. Se amanhã as suas formulas futuristas fossem adoptadas por troianos e gregos, faleceria de languido desespero. E' o nosso Marinetti, não ha duvida alguma. O nosso Felippo Taddeo.

Mas quasi nada tenho a articular contra essa prodigiosa vocação tribunicia. De um anno para cá, Graça Aranha segue os meus gestos com uma passividade heroica. Tendo eu pregado o cubismo, afim de levar um pouco de emoção á gelatina dos officiaes no Brasil, elle tornou-se cubista a serio e fez aquelle discurso da Corôa, que por pouco punha metralhadores no revoltado arceopago sul-americano. Depois, como eu creasse a minha poesia «Pau Brasil», revertendo em favor da nacionalidade nascente os beneficios da renovação mundial das letras e das artes, elle o enveredado no terreno jacobino das reivindicações brasileiras. Ah!, fingindo ignorar o meu manifesto, amplamente divulgado em Março, pelo «Correio da Manhã», ampliou-o e commentou-o.

Esqueceu-se nessas brilhantes occasiões de que podia dizer algum bem de Portugal.

Ninguém trabalha mais francamente do que eu pela libertação nacionalista da lingua brasileira e da arte brasileira. Nas minhas campanhas, não me tenho privado de affirmar, mesmo em Lisboa, quanto nos tem sido nefasta, a prisão do falar brasileiro nos moldes lusitanos. Referi-me em entrevista dada ao «Diario de Lisboa» em 1923, ao atrazo occasionado á evolução de nossa lingua propria pelo inutil purismo do Conselheiro Ruy Barbosa. Nossa lingua está tomando caracter tão particular e independente, quanto o ingles falado na America, já o disse Paulo Prado. Os

nossos escriptores têm um dever-fixar essa evolução no sentido da sua pura liberdade.

Isso não me impede de ver e admirar os bons exemplos que nos fornece Portugal.

Duas grandes gerações successivas já tiveram representantes portuguezes á altura das mais altas responsabilidades creadas — refiro-me ao movimento symbolista e ao movimento actual. Eugenio de Castro combateu lado a lado com Moreas e Regnier, Antonio Nobre e outros seguiram-no, enquanto no Brasil, a coudalaria parnasiana afinava a lyra manca pela barulhada spectral dos poetas de 30 annos atraz. Isso constitue apenas uma vergonha para a nossa historia litteraria. Vergonha que melhor realça o valor da pesquisa portugueza.

Actualmente, se Portugal nos atulha ainda de dicionarios caducos e regras inviaveis de syntaxe e prosodia, manda-nos tambem a jovialidade combativa de você, meu valente Antonio Ferro. Porque, creia-me, a sua conferencia — «A odada do jazz-band», realizada nas principaes cidades do Brazil, abriu lá um respiradouro por onde entraram os barulhos desarticulados da nova Europa, tão necessarios á alma dos nossos dias esportivos e — oh ironia! — tão americanos.

A sua estadia entre nós deu apoio á attitudo iniciada pelos modernistas de São Paulo, perante os voluteis latrados da capital. Sem você, mesmo com todos os remorsos estheticos do inolvidavel Graça Aranha, estaríamos mais atrazados.

Outra lição contemporanea que Portugal nos indica (sem contar a de Amadeu de Souza Cardoso na pintura) é a que eu chamarei de «phenomeno Aquilino». De facto, reparou V. como Aquilino Ribeiro, sem desconfiar de nada, é um moder-

TEATRO NOVO

TEATRO DE VANGUARDA
PALACIO DO TIVOLI
INAUGURAÇÃO: BREVEMENTE

nista da melhor vanguarda? Eis um caso opposto ao de Graça Aranha (este nome, cantando espalharei por toda a parte). Enquanto Graça é um tijolo academico e mais usada, querendo á viva força figurar numa exposição de motores, Aquilino é um motor que se esconde entre pedras, as pedras da sua terra.

Uma das bases da renovação actualista é, sem duvida, o trabalho sobre o material — esquecido pela importancia anecdotica dos assumptos — a volta ao officio, trahido pela parlapatico esthetica. Ora! pouca gente na litteratura actual, tem mais pujante e vivo o prazer de trabalhar sobre o material — que para o escriptor é a lingua — do que o autor sabroso e novo de «Terras do Demo» e «Via Sinuosa».

A formosa resação que você produz, desarticulando a sua linguagem, dando-lhe molas imprevistas, fazendo-a agir como um acrobata cinematico, produzindo effeitos desconhecidos de simultaneismo, de dynamismo — elle a completa no duro labor de bater, plasmar e deformar encantadoramente a sua expressão millionaria.

Portugal deve-lhes muito e o Brasil seguramente mais que a Graça Aranha.

Resumo para terminar:

- Qual a mentalidade mais forte do seu país?
- Paulo Prado.
- Qual a corrente ahí victoriosa nas artes e nas letras?
- A minha.
- Os melhores talentos...
- Os meus amigos.
- Os homens horriveis do seu país?
- Os meus inimigos, com o Sr. Coelho Netto á frente.
- O peor critico do mundo?
- Chama-se Osorio Duque Estrada. Felismente ninguem o conhece.
- Vem V. a Lisboa fazer uma conferencia?
- Irei fazer uma conferencia ou duas.
- Sobre?
- Espirito e forma de Paris.

Disponha do OSWALD DE ANDRADE



Retrato do esculptor Francisco Franco nos seus dias de estudante na sua pátria Henrique Franco

se abre ou a sua caneta de tinta permanente. Aparentemente facil, esgrimindo frases numa eterna Batalha de flores.

Não ha desmembramento na sua obra, ha cidades que passam como num scrain.

Alces Martins, cuidou da Mulher de Bençam com uma grande ternura lirica.

E', conjuntamente com João Cabral do Nascimento, um sonetista, não classico de grande beleza.

Antonio Botto, é um artista de ritmos novos, que nas Canções, marcou nuances de forma que o evidenciam poeta e que nas Curiosidades Estheticas, conseguiu dominar com beleza a vida.

Entre os poetas raros, recordo, Garcia Pulido. Porque tenho de ser rapido, uma citação equivale a um aplauso.

Ferreira de Castro e Eduardo Frias, um acção e outro sonho.

Reynaldo Ferreira, o maior reporter portuguez, vive inteiramente a hora que passa, consumindo no jornalismo diario o seu talento de novelista.

Juliano Quintinha, é um paisagista de tintas fortes que o Alentejo agrilhoou.

José Osorio de Oliveira, critico mordaz e sincero, nutrido grande admiração por Oliveira Martins e Eça de Queiroz, tem um curioso estudo sobre a Literatura Brasileira.

A minha geração possui tambem um grupo de dramaturgos, alguns já aplaudidos, outros publicados. Cito: Norberto Lopes e Chianca de Garcia, A Filha de Lazaro; os Emigrantes de Tito Arantes, uma peça que foi sacrificada antes da première. Gastão de Bettencourt e Valerio de Rojanto, este dramaturgo e novelista, cujas Ironias, vão entrar em 2.ª edição.

Ha um romancista que não esqueço, Assis Esperança. Tem o seu lugar.

Mais. Em Coimbra, a geração nova tem igualmente valores. João Ameal, romancista moderno, intenso, que desprezou Lisboa e conquistou o Porto. Umberto Arunjo, que no seu ultimo livro Uma pagina antiga, Cartas de Amor, justificou plenamente a maneira carinhosa como a critica recebeu as suas Aguias, Victorino Nemésio, que no Paço do Milhafre, profaciado por Afonso Lopes Vieira, entrou victoriosamente na litteratura vasta dos novos.

Antonio de Souza, é um poeta á maneira de Augusto Gil, que escreve e cultiva com amor a quadra popular.

Antonio Sardinha, historiador, poeta, ensaista, é apesar da sua intransigencia historica e do seu odio aos judeus, ainda que evadido das doutrinas franco-nacionalistas de Leon Daudet, um poeta tradicionalista que a Espanha seleccionou, entre os modernos poetas portuguezes.

Homem Cristo, filho, colaborador de Rachilde e o Conde Albert Monsaraz, são em Paris, dois valores, que a critica acolheu com alvoroço. Mussolini, de Homem Cristo, filho, é um estudo politico notavel pelo muito que nos revela sobre o ditador italiano.

Junto Luiz de Almeida Braga e Ferreira Monteiro, porque os dois pertencem a grupos oppostos, que se degladiam, através das suas revistas. Luiz de Almeida Braga, no Significado Nacional da Obra de Camilo, mostrou que é um investigador curioso e honesto. E' um livro que não afronta a memoria do Camilo.

Mario Saa, investigador, poeta, suctor de varios livros sobre Canções e duma conferencia erudita sobre o Bairro Alto, é, apesar da sua selvista desorientação mental, um catalogador de ideias. Quando acorda do outro lado julga ter descoberto o mundo. E' um novelista original que o José Rotatino denunciou.

José Almada Negreiros, o mais original de todos os modernistas, desenhador, pintor, poeta, escriptor, tem uma obra vasta, que documenta bem todas as nuances do seu temperamento.

Está na primeira fila dos grandes modernistas europeus. Augusto Santa-Rita, poeta e dramaturgo, director das Folhas de Arte, é um poeta que O mundo dos meus bonitos, con sagrou.

Encerro a lista. Ha mais, ha muito mais... Porque este artigo é o primeiro duma longa serie, prometo que logo recordarei os outros.

Creio que não esqueci nenhum dos que nos acompanham... Sei que os outros estão á minha espera, ao voltar da esquinas, para me agredirem os idiotas...

A minha Conklin está exgotada... Prometo enchê-la para a outra vez.

A. d'E.

A Criação da Geração Nova

1 — O conceito de geração

A vida profunda de uma raça em criação espiritual nunca para, e sem interrupções bruscas que raramente se dão, sem mudanças repentinas, é difícil definir e classificar as gerações que se sucedem. Épocas de transição todas o são, no constante movimento interior que anima as civilizações. Mas há na verdade agrupamentos em volta de ideias fundamentais e sentimentos opostos, ou consequentes, que permitem classificar as gerações. E dentro das suas actividades, pela energia e capacidade de realização e pela dose de génio realizador, algumas gerações se destacam com uma obra definitiva. Convencione-se por isso chamar gerações de transição àquelas que pela lenta acumulação de qualidades preparam a geração genial.

E não há nisto um erro ou uma injustiça, visto que a civilização desde o seu início tem sido dominada por três ou quatro grandes gerações oriundas. Tão lenta é a formação do génio, e tão difícil a natureza fraca, que os séculos se passam na preparação desses momentos esplendidos e que nós mesmo, infantilmente, assim definimos — o século de Péricles, o século de Octaviano, o século de quinhentos...

E' om relação a esta ideia do movimento das gerações para um século de esplendor humano, em que uma nova civilização se define, para depois dominar o mundo durante séculos, — que o conceito de geração pode ser encontrado.

Uma geração não é o agrupamento de pessoas de equivalente idade. E' na sucessão e movimento para um fim inatintivamente buscado, o agrupamento de valores em volta de uma ideia fundamental dessa evolução.

A evolução faz-se por sucessivos predomiínios de uma ideia ou de um sentimento fundamental que serve de eixo a um agrupamento de pessoas e ideias e sentimentos — isto é a uma geração. E as gerações do esplendor pelo mesmo motivo e do mesmo modo se agrupam em torno do eixo profundo que é a alma nacional lentamente criada pelas sucessivas gerações.

Com este critério se explica também o fenómeno das épocas dispersivas que não constituem uma geração o, apenas, com valores isolados, tornam possíveis pela sua actividade precursora os futuros movimentos conjuntos. São épocas em que a evolução hesita entre muitos caminhos, entre influências várias e as mais variadas tendências pessoais. São épocas em que por falta de um animador poderoso, chefe mental incontestado, ou de uma ideia aparente e clara, muitos valores se perdem no isolamento e na fraqueza de uma obra individual desligada das sugestões necessárias da sua época.

A geração que devia ter sido constituída em Portugal com os primeiros esforços da resacção nacionalista nunca chegou a constituir-se. E serve bem de exemplo a sua actividade dispersa, diminuída pela dispersão e só muito tarde forçadamente agrupada, para definir as fases dispersas das evoluções espirituais.

O conceito de geração é uma ideia consciente que devemos conhecer e procurar antes de nos agruparmos. Se aqui a discutio é para explicar em que, como e porquê, a geração de hoje pode e deve constituir uma geração. Não bastam afinidades de tempo ou de simpatia.

O critério de geração como agrupamento de valores independentes em torno de um eixo ideal e sentimental comum, servirá para definir como a evolução e a nossa vontade devem hoje criar uma geração consciente de si e da sua obra em Portugal, após uma tão longa evolução feita para a preparar.

2 — O génio nacional

E, antes de mais nada, é preciso afirmar que a obra humana nada vale senão como elemento constitutivo e componente de um génio nacional. A vida da humanidade faz-se por meio dos organismos Nações, que podem mudar de sentido social, de princípio aglutinador das forças que as compõem, mas nunca desaparecer.

Só por intermédio desses grupos sociais a actividade humana se transforma n'uma civilização, com a disciplina, a liberdade, o génio que a caracterizam. E só com estas civilizações nacionais pela sua penetração, e mutua influencia, só pela sua luta e embate a humanidade continúa a sua marcha. Não há homem de génio que possa criar fora de um ambiente nacional, fora da evolução própria à sua civilização nacional. E aqueles homens que se expatriam, tentados por outra civilização, mais brilhante no momento em que vivem, são aniquilados pela fatalidade do conflito entre as ideias interiores e o ambiente em que tem de desenvolver-se.

Ninguém pode criar fora do destino que a sua raça, o seu génio nacional lhe traçou. Por isso aqueles povos que são apenas momentâneas e meras combinações da política, como a Bélgica, simples provincia da França, não podem isolar-se da civilização a fim, como, no caso citado, Verhaeren, Maeterlinck, Rodenbach, Eekhoud, da civilização francesa.

Mas, assim como as nações inconsistentes se aniquilam numa outra civilização, assim fatalmente, apesar de todas as trações, as nações roças vivem obrigadas a realizar uma finalidade própria, uma muito própria civilização.

Portugal é, mais do que uma nação, o centro activo de civilização de um conjunto de nações.

Aqui se formou lentamente o caracter especial da civilização, o espirito novo, a alma lusitana, a tradição de alma, que hade aproveitar ao Brazil e a Portugal, as nações que se formarem amanhã em Africa, e por extensão natural as republicas Hispano-Americanas e até a Península Iberica toda.

Uma civilização tem sempre um centro onde as circumstancias tradicionais e o esforço de um dado momento colocaram o eixo da sua criação. Todos os grupos nacionais que pertencem a esta civilização nela colaboram mas em torno do espirito iniciador de um deles. Toda a Italia colabora nos dois renascimentos mas em torno de Florença como eixo mais consciente. Toda a Grecia cria e espalha a grande civilização helena mas em torno de Atenas como eixo e iniciadora.

Portugal parece indicado, pela sua tradição espiritual, pela sua propria historia de acção, pela actividade renovadora que desde Antero nos impelle, e pela novidade e profundidade de que a nova criação está hoje animada, Portugal está certamente indicado pelas forças das raças ibericas para ser o xeio da nova civilização.

Esta consciencia, ainda mais do que o dever de não faltar ao principio do nacionalidade, nos deve iluminar sempre o

agora sobretudo quando pretendemos com a geração nova fazer, enfim, a obra realizadora ha tanto esperada.

O génio nacional é para nós mais do que um patrimonio a selar, é o meio de realizarmos a obra de criação, a obra de esplendor que a um mundo europeu fará succeder um mundo iberico que é civilização europia em decadencia sobreporá uma civilização iberica nova, forte, original.

O génio portuguez é para nós o meio de sermos universaes.

O internacionalismo, ou qualquer forma de transigencia com o enfraquecimento da nação é um crime contra as possibilidades da nova criação. E para nós ser internacional é ser anti-universal. Porque devemos alcançar um novo universalismo pela criação do novo génio nacional, do génio lusitana, (que este nome em honra de Camões lhe fique para sempre) do génio lusitana comum a todos os povos ibericos e aqui mais concentrado, mais isolado, mais experimentado pela dor, mais prestes a iniciar a grande criação.

Para agruparmos em geração precisamos da consciencia absoluta da obra imensa a realizar e a que não podemos fugir. Criar dentro do génio nacional um novo universalismo — a civilização iberica, o espirito lusitana.

3 — O génio nacional é completo

Ao falar de génio nacional entendemos, porém, uma característica fundamental da alma humana, um espirito completo, mas caracterizado, pela diferença do seu conjunto, de outros conjuntos alheios. Um génio nacional tem sempre uma actividade completa. Isto quero dizer que repudiámos em absoluto as categorias, em que uma critica, interessante mas falsa como a de Moniz Barreto, pretendeu separar as actividades nacionais.

A alma oriental, a alma helénica, a alma germanica, e hoje a alma lusitana, são expressões que significam actividades completas, diferenciadas na síntese, no conjunto, no produto da sua actividade sempre múltipla que é uma civilização. As teorias de Moniz Barreto sobre a caracterização das almas nacionais, não representam mais do que um jogo inteligente com as ideias, sem fundamento, nem estudo, nem verdade.



JOÃO DE CASTRO

Uma alma nacional só existe quando é capaz de todas as actividades, misturando-as embora em graus diferentes e diferindo sempre na sua síntese. Na verdade até ao momento de perfeita eclosão e esplendor o génio nacional vai manifestando, conforme as épocas e as suas condições, ora uma ora outra qualidade. Mas no momento da perfeita realização das suas capacidades é completa a sua actividade. O génio nacional realiza todas as actividades espirituais marcando-as com a sua característica, com a diferença e a novidade do seu génio. Assim toda a alma nacional tem a sua interpretação da tragedia; do teatro, e portanto a sua visão da realidade; a sua capacidade de ilusão; o seu poder lirico; e exaltação epopica; o espirito religioso e metafísico.

Não pode uma civilização basear-se só no pensamento lirico ou só no pensamento racional, ou no metafísico. Um génio nacional para triunfar na sua criação e realizar uma civilização, tem uma actividade complexa e completa. De resto todas as nações tendem para isso desde que tenham em si principios de vida forte. E ou um génio nacional é completo, ou lentamente desaparece e se integra noutra civilização.

O erro de Moniz Barreto foi particularmente prejudicial à formação de uma civilização iberica e em especial à actividade portugueza que se empenha na formação da alma lusitana.

A outros países já consecuentes da sua civilização não diminuiu elo — para mais escrevendo em portuguez — segunda-lha a complexidade necessaria. Mas a Portugal, no momento de extrema sensibilidade em que iniciava a sua criação, esse erro de critica foi das mais perniciosas influencias que temos sofrido. Mais perniciosas ainda porque ninguém se apercebeu directamente dela.

Moniz Barreto não era um occidental; era uma alta intelligencia mas descurada, desnationalizada pela mestiçagem com sangue oriental.

Ou por isto, ou por excessiva sujeição à cultura do momento estrangeiro não viu com clareza o novo problema, num momento em que ele já tinha despertado pela actividade das *Dissidentes de Coimbra* e dos seus discipulos.

Importa agora afirmar que a geração nova a formar-se, como fatalmente succederá, tem que formar-se na opposição categorica ás afirmações de Moniz Barreto. A geração nova tem que formar-se com a afirmação da nova actividade do génio nacional complexo e completo. A geração nova tem

(Continúa na 2.ª columna da página 6)

ÉCOS



A teimosa dos velhos, em Portugal, teimosa cabeçada e rabugenta de quem não está para se ralar, forçou os novos, novos pelo Espirito e pela certidão de idade, a criarem o preconceito desagradavel daquela juventude que se conta pelos anos de existência... E que, realmente, em Portugal, devido a uma coincidência estranha, os tempos extremaram-se de esta forma: dum lado os velhos de intelligencia bolorenta, do outro os novos a respirar ainda em horizontes largos... Nós sabemos muito bem que a Alma é inimiga do corpo, que é muito possivel encontrar velhos de vinte anos e novos centenarios... Pirandello, aos sessenta anos, viveu o teatro do nobre e conseguiu pô-lo novo, Bernard Shaw, perto dos setenta, escreveu essa imprevisista e singular *Santa Jovita*. Erick Satie, o grande músico, aos sessenta e tantos, colabora com o turbulento Picabia no bailado *Reliches* e entra, no palco, de autonovel, para agradecer as ovacões do publico. Max Jacob, o rapaz de *Filibuths* e de *Corset à l'As*, tem cinquenta anos. Bakst, o grande illuminador da nossa época, morreu aos quarenta e tantos. Picasso, o autor do cubismo, deve aproximar-se, a passos largos, dos cinquenta. Leger, Brancusi, Lhote, Stravinsky, Cezel Marinetti, Georges Kaiser e tantos outros legionarios do novo perderam de vista, ha muito tempo, os trinta anos... Graça Aranha, no Brazil, apesar da carta espirituosissima que o grande e querido Oswald me dirigiu, é um exemplo da mocidade que não abdica dos seus direitos... Ao mesmo tempo, lá fora, nos países que marcham, já passou de moda, ha muito tempo, esta frase infeliz: *O senhor é muito novo...* Quando, por acaso, alguém o diz não é com a intenção de diminuir um sim com a intenção de exaltar... Ser novo e não ter preconceitos, é compreender a época em que se vive, é ser descobridor... A frase, de resto, em França, na Italia, na Alemanha, na Inglaterra, em quasi toda a parte, aplica-se, indiferentemente, a rapazes de vinte anos ou a rapazes de cinquenta...

Igualmente, em todo o mundo literario civilizado, a Arte não é, e nunca foi, unilateral... Para se alcançar o alvarde de escritor não é necessario ler por esta ou por aquela critica: basta possuir uma individualidade.

Em Portugal não é assim: os escritores graves, os procederes *«cheios de responsabilidades»* que se arrumam dentro duma escola literaria como os livros nas prateleiras duma biblioteca, aliam, com uma falsa e estulta superioridade, para os futeis, para os novos, para todos esses insignificantes que não botam a literatura a sério e a quem a literatura não pode tomar a serio... Em Portugal não seria possivel a gloria dum Marcel Proust, dum Max Jacob, dum Apollinaire, dum Cocteau, dum La Sève... *Futilidades, bagatelas...* Para se ter direito a ser ouvido, com respeito, é preciso escrever um volume de quatrocentas paginas a investigar qualquer assunto que não nos interessa ou então não publicar livro nenhum e ser discipulo, nas columnas de qualquer revista republicana do *Pinhivo Maluco*.

Criar, inocular, implantar — é um crime em Portugal. O que se atrevera a cometer esse crime não condenado pelos grápellos e maçonarias literarias, a um destino peripetico... Os que estiverem connosco, os que estiverem dentro da *Contemporanea*, não têm que apresentar uma certidão de idade, têm que possuir a coragem para cometer o crime, para merecer a honrosissima desdenha...

ANTÓNIO FERRO

A nova direcção do *Sindicato dos Profissionais da Imprensa* esta belicosa, para a sua gerência, uma orientação que cabe perfeitamente dentro daquela que presidiu à questão dos novos. Felicitamos, por isso, calorosamente os novos directores, alguns dos quais têm prestado valiosos serviços à nova geração. Referimo-nos a Julião Quintinha, Artur Portela e Jaime Brasil.

NOTICIARAM os jornais de 7 de Fevereiro último que a Sociedade Nacional de Belas Artes, em reunião da véspera, presidida pelo inevitável Senhor Adães Bermudes, se occupara da reorganização do ensino de Belas Artes, onvindo e encarregando do seu estudo os sócios Cesar Barreiros, entalhador, e Afonso Branco, funcionário de finanças.

Este primeiro folguedo carnavalesco foi seguido de uma conferéncia humoristica pelo sócio Tertuliano Marques, architecto, em sábado gordo, e bailes de máscaras nesse dia e na segunda-feira de Carnaval.

CONSTA-NOS que está requerida uma reunião da Assembleia Geral da S. N. B. A. para se occupar de injustas tabelas applicadas aos expositores do Salão de Outono.

COUBE à *Contemporanea* anunciar em Portugal um Salão de Outono, isto é, um salão de Arte moderna em que o critério de selecção seja, ao contrario dos salões officinaes, a audácia, a personalidade, o modernismo, a revolta contra as formas consagradas, não por principio, mas por expansão da energia pessoal.

A doença prolongada de José Pacheco não a deixou levar a efeito esta bela ideia.

Felizmente, Eduardo Vianna foi alguém capaz de a retomar e de a levar a efeito. Por isso, e pelo seu justo triunfo, merece Eduardo Vianna todo o nosso louvor e applauso.

EM virtude de a tipografia encomendada pela *Contemporanea* não ter chegado a tempo e da doença prolongada do seu director, o architecto Sr. José Pacheco, não tem podido sair o numero especial da revista dedicado a Camões. A *Contemporanea* sai brevemente completamente remodelada, fixando a data do seu aparecimento mensal.

A QUESTÃO DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES



No *Seculo da Noite* de 3 de Setembro de 1921, sob o titulo de *Os Sonhos da Geração Nova. A conquista da Sociedade Nacional de Belas Artes*, publicou-se, com a forma de entrevista, o relato de uma conversa surpreendida num café de Lisboa, entre varios artistas moços. Revelava o jornalista que perto de com propostas de novos socios tinham sido apresentadas na Sociedade Nacional de Belas Artes, os quais pretendiam transformar a velha agremiação. *Queriam afundar a fazer alguma coisa, porque a Sociedade, tal como estava, apenas com uma exposição anual, não correspondia ao seu fim. Era preciso trabalhar, acabar com a pueril rivalidade entre novos e velhos. Varios tocos de pólo bem aberto, não levamos ideia premeditada contra ninguém. Queremos apenas trabalhar para que se façam as coisas em Portugal* — disse um dos entrevistados. E continou: — *O nosso programma é fazer arte. Apoiar as exposições, organizar festas, bailes, chás, concertos, representações, onde o publico (um publico selecto, cabi bem de ver) veja tudo aquilo que é necessário, aquilo de que todos nós sentimos a necessidade urgente, — uma commissão mais ampla de ideal? Primeira de que tudo tem commissão propôr á Assembléa Geral novas fontes de receita, e, á medida que o orçamento for aumentando, iremos effectivando o nosso programma, que vai desde a realização de grandes bailes ao ar livre, á organização dos jogos olympicos nacionais. Fazer arte em todas as suas manifestações é o nosso programma.*

Com tão simples palavras, e tão francos e abertos propósitos, se iniciou uma das mais violentas, das mais longas e das mais tristes questões que têm absorvido as atenções do publico, nos últimos annos. *A questão das Belas Artes, a questão dos novos, foi uma prova definitiva da incompatibilidade entre a honestidade dos novos e a similitude dos outros, daquelles que oficialmente pretendem representar uma vida que asfixiam. Propostadamente transcrevemos as palavras que traduziram o inicio da louçavel attitude que gerou o conflito, porque, querendo provar serena e decantados cerca de quatro annos, quanto eram razoáveis os nossos intentos, não temos mais que copiar os documentos e relatar os actos porque uns e outros testemunharam o seu modo de acção. Vamos, pois, reconstituir, na sua rigorosa successão, os acontecimentos.*

Os novos pretendem legitimamente impressar numa instituição de utilidade pública, protegida pelo Estado

A S. N. B. A., aprovada, por alvará de 16 de Março de 1901, reconhecida como instituição de utilidade pública por carta de lei de 29 de Junho de 1911, é a sucessora de três grupos: a *Sociedade Protectora de Belas Artes em Portugal*, fundada em 1861, o *Grupo do Leão*, fundado em 1880 e o *Grupo Artístico*, fundado em 1889. Pelos seus salões, e pela attitude e renome dos seus antigos dirigentes, representava todo o período do intenso trabalho do último quartel do século XIX e do começo do século. Justo era, portanto, que os moços artistas, antes de destrahirem uma bandeira própria; antes de procurarem isolados um ambiente para as suas construções, se dirigissem á instituição, de utilidade pública, expressamente destinada a iniciativas semelhantes, para que ela lhes desse o devido acolhimento.

Não havia, no plano d'elles, nem maldivolência, nem menos-prezo. As suas attitudes foram sempre claras, públicas e annunciadas. Em vez de procurarem o ingresso disfarçado e lento, preferiram a entrada em massa, como correspondendo a um fim que se não devia occultar. E assim, nos termos regulamentares, os Srs. José Pacheco, Celestino Soares, Leitão de Barros e Ruy Vaz, socios da Sociedade, subsciveram as propostas de admissão dos seus amigos, as quais eram inicialmente cêrca de cem, mas que, decorridos poucos meses — á data em que a Sociedade, pela violência, puz termo ao incidente — já atingiam o número de cento e oitenta.

Foram essas propostas entregues, e o plano de trabalhos que os novos defendiam foi tornado publico, por meio de entrevistas e artigos de jornal, em que se explicavam e defendiam as opiniões expressas na entrevista acima citada (1).

Os directores da Sociedade iniciam uma campanha de desacreditação contra os novos

Comoçou a constar que a Direcção da S. N. B. A., a quem, nos termos dos Estatutos, é impetia pronunciar-se sobre a admissão dos novos socios, se alarmara com o ingresso em massa de artistas moços e via nesse acto, não os propósitos confessados, mas a intenção occulta de assaltar a Sociedade, expulsando os seus corpos dirigentes e perturbando as faccís e estereis iniciativas dos seus senhores.

A Direcção demittiu-se e, com esse pretexto, não se pronunciou.

Em uma entrevista dada á *Epoca*, em 13-9-21, o escultor Francisco Santos declarou: — *Que a Direcção estava desanimada por motivos independentes do movimento dos novos e que estes seriam acolhidos abertamente. Acreditamos que a sociedade não estava, como eles supunham, do seu lado, porquanto a Direcção a que presidia tinha de hêr acido as mesmas intenções.*

Mas a sua entrevista, cheia de um forçado humorismo que estava muito longe das maneiras habituais do entrevistado, revelava, como os factos provaram, muito oposta opinião.

Pessoalmente, declarou a Direcção aos proponentes que o caso — contra todas as regras — seria submetido á apreciação da Assembléa Geral. E logo arranhou apatiguados que começaram uma campanha contra os novos e contra os seus orientadores.

Surgiu em 16-9-21, na *Imprensa da Manhã*, com uma carta, o Sr. Diniz, que defendia uma doutrina estranha, pois protestava contra a irreverência que se procura commeter, pretendendo os directores dos velhos e gloriosos artistas portugueses. *Mais do que*

irreverência, um crime. Dizia ainda que a Sociedade representava uma classe e que *aqueles da classe não fizessem parte, nos seus interesses não tem, nem pode ter, interferências.* E concluia: — *Ser sócio da S. N. B. A. é uma honra e honra não se concede aos centos.* Estavam abertas as hostilidades. A sinceridade e a intelligência respondia-se com a mentira e com a deturpação.

A Sociedade não era privativa dos artistas, não tinha o caracter duma associação de classe. O proprio escultor Francisco Santos o declarara, na citada entrevista da *Epoca* (13-9-21), nos seguintes termos: — *Nós, que contamos entre os quatrocentos socios da Sociedade cerca de quarenta artistas e milhares de escritores de cotação. Isto é, o defensor da classe ignorava que essa classe correspondia apenas á décima parte dos socios; ignorava que aonde estavam escritores, médicos, advogados, commerciantes, empregados publicos, proprietários e, até, firmas commerciaes, podiam estar outros novos, das mesmas profissões; ignorava que com novos socios, em relação a quatrocentos socios antigos, representavam apenas a quinta parte do total com que ficaria a Sociedade; ignorava que esse quinto não podia legalmente prejudicar os quatro quintos restantes; ignorava que se porventura dles um dia tivessem maioria nas votações era porque o seu grupo era activo e presente, tendo portanto toda a força razoavel e proporcional a sua comparticipação na vida social; ignorava mesmo que os novos não pretendiam assaltar e que, dos velhos e gloriosos fundadores do Grupo do Leão, aquelles que ainda viviam, estavam abertamente com os novos, como se verificou. E como ignorava tudo, não percebia nada e queria um pretexto para tentar sair do anonimato — que logo o retomou — chamava um crime aquilo que era acto benévolo, generoso e forte. Começava a caluniar, começava a mentir, começava o propósito de ludir a realidade, procurando convencer a opinião pública de que os novos queriam irreverentemente expulсар os velhos artistas de posições conquistadas com merito e trabalho — como se os certos annos da Sociedade e a sua absoluta indiferença pela vida das belas artes não constituíssem, muito ao contrario do que faziam crer, uma prova de irremediavel incompetência.*

O papel do director Sidónio de Almeida, Sabehino

Um desconhecido rampora o fogo. Logo um inconsiderado sócio-director, o Sr. Simões de Almeida, Sobrinho, deu em 28-9-21 uma entrevista para a *Epoca*, em cujos termos grosseiros — bem d'ello — afirmava que toda a obra dos novos, que para a Sociedade queriam entrar (com excepção da de Eduardo Viana) não era mais do que *uma taboalada pegada, para não dizer pior...*

Quem eram os proponentes? Francisco Smith, o pintor que por três vezes expusera individualmente na Galeria D'Aviz, e merecera críticas favoráveis a Henry Bataille e a Pierre Mortier; Ernesto de Ganto, o escultor discípulo de Júlio António e de Bordaile, que vandera todos os trabalhos que expusera na Suíça, em Paris e em Madrid e merecera a uma revista americana um número especial sobre a sua obra; o pintor Manuel Jardim, que expusera no Salon de 1911; o maestro Ruy Coelho, já então consagrado em Berlim e Paris, com críticas de Vincent d'Indy, Paul Dukas e Ravel; o architecto Raúl Lino; o escritor Alfredo Cortez; Almada Negreiros; o escultor Francisco Franco; o poeta Alberto de Monssraz, então director de *A Monarquia*; o escultor Diogo de Macedo, que expusera com successo em Portugal, na França e na Espanha; o escritor António Ferro, então director da *Revista Portuguesa*; o poeta Labre e Lima, Secretario da Embaixada no Rio de Janeiro; o escritor Veiga Simões, então Ministro em Viena de Austria, que a propria Sociedade, que o regeitara, se viu obrigada a proclamar seu sócio honorario, pela protecção dispensada ás Belas Artes, quando Ministro dos Negocios Estrangeiros; o professor Alexandre Rey Colaço;

a actriz Amélia Rey Colaço; ao todo com nomes conhecidos e respeitadas, de pessoas sobre quem se não podia lançar a minima suspeição.

E quem era o Sr. Simões Sobrinho? Dir-se-ia, pelo seu falar arrogante e livre, que se tratava de um artista de renome e impoluto. Não temos necessidade de recordar aqui as fontes da inspiração d'esse escultor (2). No entanto, se este passo sugerir objecções, provaremos até aonde poderemos levar a nossa documentada opinião.

Uma solução conciliatória que propuzemos e foi rejeitada por conselho de Adão Bermudes

A questão trazida assim por elles para o campo pessoal — em que nós nunca a collocáramos e de que sempre, com excepcional espirito de tolerância, a procuramos afastar, veio irritar os amigos dos empresarios das Belas Artes e originou a vergonhosa successão dos acontecimentos.

Procuramos ainda demorar a Direcção. Alvitramos-lhe o seguinte:

1.ª — A Direcção votava immediatamente a admissão dos socios propostos, os quais, nos termos do art.º 12.º dos Estatutos, só, decorridos 12 meses, podiam ser considerados em plena effectividade, não influido portanto nos corpos gerentes senão na gerência de 1923;

2.ª — Estes socios organizariam dentro da sede da Sociedade, nos termos regulamentares, um grupo que executasse o seu programma, sem prejuizo dos certames normais, nem de quaisquer outras iniciativas da Direcção.

Esta proposta significava de maneira clara que os novos se dispunham a aceitar rigorosamente o *status quo ante* da Sociedade e apenas desejavam utilizar-se das suas salas para exposições, festas e conferências, sem o pagamento da taxa que se lança sobre estranhos, aproveitando o beneficio concedido aos socios; o que, em troca, traziam para a Sociedade uma importante receita ordinaria — a das cotas dos propostos — e as vantagens financeiras da sua atividade.

Pois a Direcção, constituída pelos srs. Francisco Santos, Bibliothecário e seus respectivos Secretários e Vogais, declarou mais uma vez que não se pronunciava sobre a proposta e levava a admissão dos novos candidatos á Assembléa Geral — porque tal era o arguto conselho do lúcido e diligente inspirador e baluarte da reacção da Sociedade, o Senhor Adão Bermudes.

Como nos apresentámos á Assembléa Geral

Foi convocada a Assembléa Geral para o dia 12 de Outubro de 1921. Não reuniu por falta de número; os socios da Sociedade, na sua grande maioria, desinteressaram-se do caso — não davam o seu apoio á Direcção, nem ao Sr. Adão Bermudes. Os proponentes dos novos dirigiram a todos os socios da S. N. B. A., a seguinte circular:

Ex.ª Sr.:

Pelo Sr. Presidente da Assembléa Geral da Sociedade Nacional de Belas Artes, foi convocada para o dia 12 de corrente uma reunião em que se devia ter agendado a attitude da Direcção em face de mais de cem propostas de novos socios que nós tivemos a honra de apresentar. Não houve numero e ficou essa reunião transferida para a proxima quarta-feira, 13, pelas 21 horas, na sede da Sociedade.

Como deserto já o conhecimento de V. Ex.ª a questão que se vai debater, dispensamo-nos de insistir na sua importância para a vida da Sociedade e até para a boa harmonia dos artistas portugueses, novos e velhos.

As propozemos a entrada dos novos socios confiamos na boa fé daquelles que, como nós, já pertenciam á Sociedade de Belas Artes; e porque d'elles, e só d'elles, depende a solução de este caso, e ainda porque muito nos interessa conhecer a opinião e voto de V. Ex.ª, tomamos a liberdade de lhe pedir que assista á reunião convocada.

Lisboa, 13 de Outubro de 1921.

(Ass.) José Pacheco, Leitão de Barros e Celestino Soares

Por intermédio dos jornais publicou-se idéntico convite (*Of. Seculo da Noite*, de 15-10-21). Podiamos ter procedido com mais clareza e com maior lealdade? Havia o desejo de assaltar ou de fazer pressões sobre quem quer que fosse? Tinham porventura influido na nossa orientação os disturbios a que se entregavam precebidamente os circunspectos representantes da Sociedade?

Esta segunda sessáo não se realizou por causa do movimento revolucionario d'esse dia, 13 de Outubro. Como estivesse, durante longo período, a cidade em estado de sitio o



COLUMBANO — O GRUPO DO "LEÃO".

Ribeiro Castello, Manoel Henrique Pinto, João Vaz, José Mattoso, Alberto de Oliveira, Silva Porto, António Damascão, Maria Tereza, Columbano, Cel. António, João Mattias, Daniel E. Probst, José Rodrigues Vieira.

Quando recebo um volume de Espanha, advinho logo ser de Ramón Gómez de la Serna, porque la Serna publica livros todos os dias!

Ramón edita todos os dias e todos os dias envia livros para os seus camaradas de todas as partes do mundo.

Responde a todas as cartas e todas elas terminam com a mesma frase, eivada de sonho *camaraderia nel arte*.

Ramón é o grande luctador das palavras.

Nunca, em outra literatura, appareceu um tipo de literato que fizesse com as palavras tantos malabarismos. Na sua vasta obra, mais de cinquenta volumes, as palavras amontoam-se, caminham; vencem, atordoam-se — um cruaval de frases que é difficil emitir ou pretender reproduzir. É vertiginoso.

Um livro de Ramón, só um, tem mais frases que a obra completa de qualquer escriptor moderno.

Domina as palavras. É o maior domador de frases que conheço! São milhares e milhares que se amontoam em cima do papel. Os seus livros são avalanches.

Ramón é um humorista, um humorista requintado, diferente de todos os humoristas latinos.

É um humorista transcendente. Não se pôde catalogar. É preciso senti-lo.

Na sua obra o alegre e o grotesco misturam-se, confundem-se, acompanham-se.

Ha nela o humorismo das coisas que ele anima, dá vida, torna diferentes e desenha com um grande requinte de sensibilidade.

Cada um dos seus dedos é um clown, que ele faz viver no grande e imenso circo da vida.

Querem uma amostra! Olhem-no: o peizo mais difficil de pescar é o subto...

Quando Ramón Gómez de la Serna escreva, os seus olhos abrem o mundo e nele passam os assumptos como num film que correse vertiginosamente num escrin de sonho.

Tudo o entretém. Tudo. Uma chaminé, uma cama, um cão embalado, um livro, um museu, um quarto, certo bilhete postal que viu nas mãos de um groom dum hotel, a conta da modista, o buraco da fechadura. Se quizerem, procurem na vasta obra de Ramón e encontrem tudo isto no indice dum livro e se o não quizerem fazer entrem nos *Greguerias*, abram em qualquer altura. É um museu! Mais que uma casa bem sortida de *bric-à-brac*!

Nos *Greguerias* ha tudo, tudo quanto existe á nossa volta, que é tudo quanto existe na vida.

Ramón Gómez de la Serna, é um escriptor novo dentro de uma literatura velha.

Na rua é que parece igual aos outros, sempre com o seu eterno cachimbo e a sua cara redonda, que desmente o escriptor europeu e denuncia o espanhol.

Ramón Gómez de la Serna, tem um gabinete de trabalho — *Velazquez, 4, Madrid*. É um complicado museu de raridades. Têm de tudo e todos os objectos expostos têm um sentido. O gabinete de Ramón é um mundo — um mundo em miniatura. Nêle existem jarrões adornados, quadros, gravuras, ansejos, caricaturas, livros, jornaes, latas velhas, candieiros de todos os tempos, um manequim que o escriptor veste e despe todos os dias.

A um dos cantos o terrivel retrato de Viladrich, que ia originando uma conflagração europea com sede em Madrid...

No tecto um cometa e umas andorinhas de madeira. Na mesa de trabalho uma pistola velha, de cabelos brancos — uma pistola reformada e outra em uso, uma browning ou derna.

Ramón, é um colecionador de seios femeníuos.

Vede o seu livro *Seios*. Muito antes de *Victor Marguerite*, lhes attribuir forma e feição em *La Garçonnes*, já Ramón Gómez de la Serna os tinha classificado, já Gómez de la Serna tinha imaginado os quadros sinopticos dos seios da mulher!

Foi Alberto Hidalgo, quem, numa admiravel orónica, publicada em Madrid, chamou a Gómez de la Serna, o unico prosador da Espanha de hoje, porque todos os outros o são do seculo pasado. Fico a meditar um instante sobre esta frase e sinto que Alberto Hidalgo tem razão.

Formando na vanguarda de todos os seus contemporaneos, Ramón, é bem um escriptor de hoje, moderno e forte, que tem reduzido a vida a frases, que tem pacientemente feito a síntese da vida.

Procuo nos modernos escriptores espanhoes e não encontro outro que se asemele a Gómez de la Serna, o reformador da literatura latina.

Por muito exagerada que vos pareça esta observação, ela tem o seu fundamento e basta qualquer qualque dos seus livros, e principalmente os ultimos, para sentirmos a necessidade de o admirar.

Muitos dos novos escriptores, apparecidos aqui e noutras cidades da Europa, são discipulos de Gómez de la Serna.

Muitos dos livros que nós admiramos são feitos sobre frases de la Serna, o pontifice da frase, o filosofo sintetico das pequenas coisas que nos rodeiam.

Fico a separar a vasta obra de Gómez de la Serna e pretendo cataloga lo nesta ou naquella escola.

Vou ás suas paginas e a minha sensibilidade discortina nestas, o filosofo, naquellas, o critico — neste livro, o jornalista.

Analiso qualquer destas personalidades e todas ellas se encontram unidas e vivem intimamente.

Não sei se Ramón é um jornalista ou escriptor? Filosofo ou critico? Creio que um pouco de tudo. É um impressionista. Os seus livros são apontamentos.

Os seus livros são impressões, detalhes, pontos fixos, pontos imoveis que os seus olhos detalham e os seus dedos, equilibristas de circo, escrevem e gravam duma maneira diferente de todos os outros.

Ramón é diferente em todos os livros — porque os seus livros são instantes.



RAMÓN GÓMEZ DE LA SERNA

Tem um grande carinho pelos cafés, porque nos cafés existem as unicas associações em que o homem é igual ao homem, livre de todos os preconceitos, de todos os dogmatismos e oligarquias. As grandes cidades veem-se melhor através dos seus cafés.

Silhuetado o perfil raro do escriptor, estudemos a sua obra.

Os seus primeiros livros são folhas soltas, cartazes, gritos, alaridos que espantam os ultimos escriptores do noventaes.

Os metos literarios, os academicos, os cafés, desequilibram-se, caem em si.

Originam uma revolução e o nome do escriptor é pronunciado com medo e inquietação. Os jornaes guilhotinam-o com os seus ataques.

É o precursor dos dadaístas e ultraístas.

É o precursor do modernismo. Marinetti dedica-lhe o manifesto á Espanha, quando a Espanha não contava literariamente na Europa.

Estamos em 904. As suas folhas intitulam-se, *Entrando en fuego*. Produzem o efeito dum incendio.

Já em 904, quando *Perceval delirava* com os lugares comuns do romantismo píccas, a Espanha, é preciso não esquecer-lo, possua o revolucionario do *Entrando en fuego*...

Calculem vós, que estão habituados a ler nalgumas gazetas de Lisboa, ainda hoje, ataques aos modernistas, o que teria sido o aparecimento de Ramón em Espanha.

Todos o mordem. Muitos dos seus amigos intimos recusam-lhe a mão. É considerado na roda dos escriptores

pacatos e ronciosos, um louco — um louco perigoso que pretende transformar dum salto a literatura folhetinesca do seculo pasado...

Seguem *Morbideces* (1907), *El libro mudo*, *Tipicos*, *El teatro en soledad*. São livros que têm n is gestos que idéias, mais gritos que frases. Revolucionam e somem-se.

Atormentam, affligem, são cartazes berrantes, saltos de morte, em que o escriptor é um clown.

O artista encarrega-se da sua propaganda. Oferece-os, envia-os para a Europa. Os modernistas surgem e pegam-se a ele, imitam-no. Os seus livros são sementes.

Tem uma luta gigantesca, porque os jornaes apegados a velhas e tradicionais formulas não lhe anunciam os livros. Adormecem sobre as mesas das redações. Ha quem os não abra, receosos de encontrarem dentro das suas paginas bombas de dinamite.

Ramón, abre a floresta virgem do romantismo, a golpes de machado.

Depois mais livros...

Estudio del desnudo, em que firma o seu nome e obriga os criticos espanhoes, entre eles *Rafael Casimiro Astes*, a aplaudi-lo e a vigia-lo.

Os jornaes que o combatem podem-lhe colaboração para que os seus leitores se divertam com o louco, para que riem. *Casimiro Astes* escreve:

Os invito a que leais de vuestro estas admirables paginas.

É um livro formidavel. Nenhum escriptor, habituado á forma, seria capaz de o escrever ou sentir.

Ramón Gómez de la Serna, exgota o nú. As suas mãos de artista talham paginas duma beleza tão grande, que os outros, são obrigados a senti lo, a vê-lo. Pobres miopes.

A partir deste livro que o consagra, *Ramón*, apesar de recebido sempre com desconfiança, é considerado um escriptor. Os editores programam-no e pagam-lhe as obras. O publico compra. Os jornaes, penitenciando-se, publicam-lhe o retrato.

É o seu primeiro triunfo. Os renoulos abrem-lhe as portas.

Seguem-se, *Seios*, *El Circo*, *Greguerias*, *Mustrario*, o livro de que o escriptor mais gosta.

Entrevistado por um jornalista, comenta a sua entrada violenta nas letras.

— Sofri muito. Quando comeci a escrever, travei luctas atrozes, sanguinolentas. Os escriptores daquele tempo lançaram sobre mim o odio do publico. Fecharam-me todas as portas. Insultaram-me anonimamente. Caluniaram-me. Alcanharam-me de doido.

Depois plagiaram-me e porque tinham todos os jornaes pelo seu lado e eu só podia publicar uma vez por ano, a lucta foi gigantesca. O publico poderia imaginar que era eu quem os imitava e isso fazia-me sofrer horrivelmente!...

Felizmente... *José Ortega y Gasset*, um dos poucos homens de valor intrinseco que existe em Espanha e uma das glórias da Europa, consagra-o e escreve:

— *Gómez de la Serna es uno de los pocos escriptores jóvenes a quienes se debe saludar con el sombrero en la mano.*

O triunfo. Dahi por diante, o escriptor, podia atirar os piores livros ao mercado, representac os mais horriveis dramas, assignar os mais estupidos artigos, entrar na real Academia, que tudo era igual.

Ortega y Gasset e *Azorin*, dois dos escriptores mais queridos da Espanha, tinham-lhe aberto o caminho da gloria, dando-lhe plena liberdade de acção, contagrando os seus livros.

O escriptor tinha obtido o meio de triunfar definitivamente; ser lido.



VAZQUEZ DIAS — APTALANDE 2001 um quadro

As *Greguerias*, descobrem em Ramón, o filosofo individualista, o humorista transcendente.

Gómez de la Serna, que nas *Morbideces* se retrata um escriptor dissolvente, aristocratico e anarquista, colado a Sterne e a Nietzsche, que conhece e sente toda a tragédia da vida e que proclama que de toda a actual literatura espanhola só ficarão algumas paginas de *Azorin*, regressa neste seu livro e anuncia a grandéza do cahos.

Igual a *Pio Baroja* e *Azorin*, inicia a sua carreira combatendo a literatura e reduzindo o seculo xix a um monturo de cinzas.

Ramón Gómez de la Serna, lembra *Uamano*, *el gran D. Miguel*, que foi e é um apaixonado cultor do paradoxo. Os seus primeiros livros, ficam distantes, o humorista subjuiga o nihilista literario.

Segue-se o periodo criador.

El labirinto, *La utopia* são dois documentos dessa epoca.

Em 1915 faz nova edição das *Greguerias*, livro síntese, notavel pela diversidade de estilo — o que melhor define a nossa epoca, violenta, movimentada, cinematografica.

Este livro marca a mais forte expressão do impressionismo.

Uma *gregueria* é um palco, passa nela toda a vida. Os dramas reduzem-se a manchas; os grandes movimentos da alma a simples traços. Duram um minuto em cada labio — um segundo em cada cerebro.

Definir a *gregueria*? Sim.

Uma palavra e um gesto, breve e rapido, entre a vida e a morte.

A *Gregueria* é o instante. A nenhum outro escriptor conhecido fica melhor aquela frase lapidar, aquella frase síntese do primeiro escriptor modernista portuguez, que a morte colhou, *Mario de Sá Carneiro* — o fixador de instantes.

É um afizador de cartazes! Sim. Mas acima de tudo, o fixador de instantes!

Seguem-se mais livros, *El doctor inverosimil*, *La viuda Blanca y Negra*, *Pombo*, *El Alba*, *Educcion de Oscar Wilde*, *El chalet de las Rosas*, *La ulicija de las acacias*, *Cinlandia*.

La viuda Blanca y Negra, oferece-lhe Paris...

Neste momento, Gómez de la Serna, traduzido em francez, atravessa todos os paizes latinos.

Bolachas Nacional

**A GRANDE
MARCA
PORTUGUÊSA**



**A GRANDE MARCA
DE
AUTOMOVEIS**

FIAT

Representante
para Portugal e Colonias:
**SOCIEDADE
COMERCIAL
LUSO-AMERICANA**

145, RUA DA PRATA, 145
LISBOA



**SÃO PORTUGUESES
OS CHOCOLATES
DA
FABRICA
SUISSA**